

## INTRODUÇÃO

### *Eleições e democracia*

O relatório de 2001-2002 da *Freedom House*, instituição que acompanha a democracia no mundo, mostra que nunca houve tantas democracias eleitorais como hoje: 63% dos países têm governos eleitos livremente<sup>1</sup>. No seguimento da terceira vaga de democratização, que começou em 1974, no Largo do Carmo, em Lisboa, um crescente número de países tem vindo a tornar-se democrático, pelo menos do ponto de vista schumpeteriano, isto é, processual. No entanto, e em simultâneo com esta disseminação das regras democráticas, têm surgido tendências preocupantes nas democracias mais antigas. A crise atinge tanto os *inputs* como os *outputs* do sistema democrático e as próprias instituições. Este volume da *Análise Social* aborda um dos temas mais estudados na ciência política actual, as eleições, e de um modo geral a forma como os eleitores se relacionam com as instituições políticas. Este é um aspecto dos sistemas políticos que tem sofrido maiores mudanças e onde os sinais de crise são mais aparentes. Vários índices, como sejam a quebra na percentagem de filiados partidários, o declínio da identificação partidária, o aumento da abstenção e o crescimento dos níveis de desconfiança face às instituições políticas, mostram isso mesmo.

Por vezes, em Portugal assume-se que alguns indicadores mais negativos do modo de funcionamento do nosso sistema político são idiossincrasias do regime. Pelo contrário, este número especial pretende dissipar esse preconceito. Posicionar Portugal numa perspectiva comparada constitui normalmente um exercício relevante, na medida em que muitas vezes se percebe

---

<sup>1</sup> A. Karatnycky, «The 2001 Freedom House survey—muslim countries and the democracy gap», in *Journal of Democracy*, vol. 13, n.º 1, 2002.